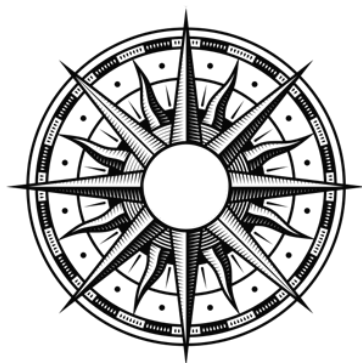




PRÓLOGO

50°43'N 2°53'L

Charmouth, Condado de Dorset, Sul da Inglaterra
Duzentos e cinquenta quilômetros ao sul de Londres

13 Jul 1827

ERA O DÉCIMO SEGUNDO DIA DE BUSCAS após terem encontrado o crânio. A colossal e disforme caveira possuía um focinho muito mais longo do que os golfinhos e uma fileira de dentes que poderia rivalizar com a maior parte dos tubarões conhecidos. A que espécie ela pertencia, ninguém poderia dizer.

O crânio era um achado fabuloso, mas o resto do esqueleto tornaria a descoberta muito mais valiosa. Enquanto o seu irmão, Joseph, cuidava da limpeza da ossada, Anning descia as escarpas de Charmouth mais uma vez, atenta para quaisquer detalhes que lhe chamassem a atenção. Ela era uma escavadora experiente que fora treinada pelo próprio pai, um colecionador de fósseis

respeitado em toda a Inglaterra. Seus achados na região sustentaram a família por anos e Anning pretendia seguir com a tradição familiar.

Charmouth era uma região costeira de praias curtas e pedregosas, com aclives suaves que se transformavam em vales abruptos. Pescadores concentravam-se perto dos bancos de areia, mas Anning preferia as regiões mais rochosas, onde a possibilidade de achar fósseis era maior. Acompanhada de Pepper, um cachorro vira-lata que lhe fazia companhia há alguns anos, ela seguia diariamente para o local, armada com uma pequena picareta, olhos afiados e muita força de vontade. Subir e descer os morros com as longas vestes georgianas, repletas de anáguas, era um desafio tremendo. As inúmeras camadas de tecido estavam sempre encharcadas, fosse pela maresia, fosse pelas ondas, pois Anning não tinha pudores em seguir pela beira d'água, se achasse necessário.

Enquanto escavava, o cãozinho malhado latia atrás das gaivotas, brincava na água e corria de volta para as pedras, balançando o corpo serelepe antes de voltar a saltar.

De tempos em tempos, Anning chamava a atenção de Pepper, mais para poder ouvir a própria voz e quebrar a quietude desconcertante. Ali, entre as escarpas, sempre passava horas e horas sozinha, sem viva alma perto. Os pescadores mantinham-se longe, temerosos de ter os cascos das embarcações rachados junto às pedras escarpadas. Os poucos turistas preferiam as praias, onde a rebentação baixa e o som ritmado das ondas lhes deixavam desfrutar um pouco do mar e seus mistérios. Aqueles

que tiravam do mar o seu sustento tinham pouca simpatia por estes visitantes ocasionais; eles não rendiam o verdadeiro respeito pelo mar, diziam, e não conheciam a sua alma vingativa.

Anning avançou por quase um quilômetro pela costa rochosa, deixando para trás a enseada e se aventurando junto às escarpas. Já vasculhara boa parte daquela área nos dias anteriores, sem sucesso. Se quisesse encontrar algo, precisaria arriscar e seguir até a Garganta do Pirata ou, quem sabe, ainda além.

Nunca houve um pirata naquelas redondezas, mas se algum corsário quisesse fixar residência em Charmouth, não encontraria lugar melhor. A Garganta era uma reentrância profunda no paredão rochoso, formando uma entrada para uma pequena caverna que se enchia d'água durante a maré alta. Seria um esconderijo perfeito para butins imaginários, o que já levava mais de um jovem a perder a vida tentando nadar até o local para explorar os seus domínios.

Anning não tinha paciência para as lendas locais e, de qualquer forma, estava mais interessada nas rochas do que no interior da caverna. Ela continuou avançando pela costa, ora subindo, ora descendo, quebrando e examinando as pedras, sempre com Pepper em seus calcanhares. Por fim, depois de atravessar a região do Pirata, desceu até uma pequena enseada, que não deveria medir mais do que dois metros. Mesmo a distância, algo lhe chamou a atenção e, ao chegar no local, não se decepcionou.

— Quietos, Pepper — pediu Anning, concentrada, pois o cachorro não parava de gritar.

Ela usou a picareta para quebrar um pedaço da rocha, erodindo os pedregulhos junto a um osso comprido e fino, que parecia desaparecer no solo arenoso. Ela conhecia o suficiente de tubarões e baleias para saber que aquilo não pertencia a uma ossada de qualquer animal que pudesse reconhecer.

Começou a cavar, jogando as rochas quebradas para o lado e esculpindo o contorno do osso. Pepper continuava a latir e ela precisou lhe chamar a atenção mais uma vez, sem se virar. Era preciso uma concentração absurda para não quebrar os fósseis; uma martelada em falso e uma descoberta magnífica poderia terminar em pó.

Pepper soltou um uivo baixo e, neste momento, uma sombra cobriu Anning. Imaginando que fosse apenas o sol sendo encoberto por uma nuvem passageira, ela continuou o seu trabalho, soprando e limpando a região com trinchas antes de voltar a quebrar.

Então, Pepper soltou um ganido agudo e Anning ralhou uma última vez antes que o som de uma grande massa atingindo a água precedesse uma onda que a cobriu por completo, quase a arrastando para dentro do mar. Anning escorregou, mas conseguiu manter o equilíbrio agarrando uma rocha. Seus apetrechos, no entanto, foram tragados para dentro d'água.

Pingando e cuspidando, ela virou-se, sem entender, e percebeu várias coisas ao mesmo tempo.

Um redemoinho repleto de bolhas agitava a água aos seus pés.

Não havia nuvens no céu.

Um borrão de sangue emergia do mar, manchando de rubro a enseada.

E Pepper desaparecera.



2°10'S 64°11'O

Alto Amazonas

Duzentos quilômetros ao norte do Grande Rio

Março de 1874

SUOR ESCORRIA ENTRE SEU ROSTO enquanto ele avançava trôpego pela floresta, correndo em ziguezague, o cansaço impedindo-o de pensar com clareza. A umidade que escorria entre as folhas e arbustos tornavam o chão escorregadio e lamacento. Por duas vezes, escorregara até o chão e, por duas vezes, precisara gritar para que o seu corpo obedecesse, usando cada grama de vontade que possuía para continuar correndo.

Ouviu um assobio. Depois, outro. Seu corpo estremeceu. As bestas não gritavam ou urravam e a falta de sons, muito antes de tranquilizá-lo, só demonstravam a certeza de seus perseguidores no sucesso da caçada. Os pesados passos se aproximaram e ele viu os vultos entre as árvores e, então, um olho o observou, entre os arbustos, um olho maligno e amarelado.

Ele berrou e saltou, se contorcendo entre duas grandes árvores. A criatura avançou e tentou alcançá-lo, mas suas garras só atingiram o vazio, presas entre os grossos troncos. Percebendo a clareira mais à frente, ele avançou em linha reta, o que foi todo o seu erro.

O golpe acertou-lhe as costas, atingindo-lhe um pulmão e jogando-o para frente até cair ao sopé da pequena aldeia cocama, que visitara tantos meses antes. Era o fim do dia e todos já haviam se recolhido às suas cabanas.

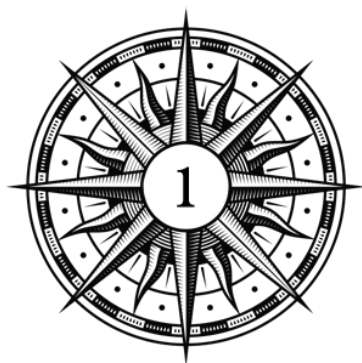
Tentou gritar, mas o sangue alcançara a sua garganta e ele apenas conseguiu gorgolejar. De qualquer modo, sabia que seus berros alcançariam ouvidos moucos. Ninguém ali o ajudaria. Atrás de si, os passos se tornaram mais lentos e ele ouvia cada um deles ribombar em seus ouvidos. Com o que lhe restava das suas forças, ele puxou o bernal de couro onde trazia seus livros e diários. Não sobreviveria, mas, talvez, ainda pudesse deixar um legado. Ele tentou empurrar a sacola e, então, viu um pequeno índio se aproximar. Era um menino, talvez, com uns cinco anos.

Ele empurrou o bernal para o garoto, que o pegou, com cuidado.

Neste momento, ele gritou. Algo agarrara a sua perna, estraçalhando seu calcanhar. Uma careta de terror passou pelas faces do garoto, que saiu correndo. Não ousou se virar e a última coisa que viu foram as costas do menino, fugindo com a sua mochila. Então, um hálito horrível e apodrecido surgiu perto da sua nuca e ele fechou os olhos. Algo pegajoso e úmido escorregou em seu pescoço.

E Maple White gritou pela última vez.





O DENTE

50°49'N 0°08'O

Brighton, Inglaterra

12 Jan 1882

A PORTA FOI BATIDA COM TANTA FORÇA que o trinco tremeu por um longo minuto, acompanhado apenas pela respiração pesada da única ocupante do recinto. Mary Ann Woodhouse segurava o livreto com os nós dos dedos apertados. Uma lágrima caiu em cima da mesa. Ela abriu os olhos e olhou a minúscula poça no tampo de madeira.

Jurou que aquela seria a última.

Dez minutos depois, deixou a sala de chá e seguiu pelo pequeno corredor de madeira encerada até encontrar a governanta, que estivera impassível, perto da cozinha, esperando o pequeno drama passar. Eles sempre passavam, pensou a governanta, com uma careta. Mary Ann era uma mulher

estranha, mas, ainda assim, era uma mulher. Além disso, era a esposa de um médico proeminente e que acabara de fazer uma descoberta científica importante. Ela não sabia muito bem o que era, mas tinha quase certeza de que essa confusão envolvia um dente. Sim, isso mesmo, um dente.

Um dente enorme, de fato.

Mas, mesmo assim, um dente. Não imaginava o motivo de todo este escândalo por causa de um mísero dente.

— O jantar foi providenciado? — perguntou Mary Ann, alisando o vestido para ter o que fazer com as mãos trêmulas.

— Sim, senhora — respondeu a governanta. — Ele será servido as dezoito, como de costume. O Dr. Mantell avisou que chegará no horário de sempre.

— Perfeito — disse Mary Ann, lançando um olhar para o carrilhão perto da escada, que marcava um quarto depois das duas. — Estarei no meu quarto pelo resto do dia. Preciso arrumar algumas coisas que andei adiando por todo o verão. Por favor, me leve o chá pelas 16... não, 16 e 30, sim?

— Certamente, senhora — disse a governanta, com um sorriso de canto de olho.

Imaginava, era claro, que a sua senhora iria passar o resto do dia chorando entre os lençóis, uma atitude boba por causa de algo tão infantil. Mas era isso os que os ricos faziam, não era? Criar drama por causa de motivos frívolos, enquanto o resto da população chorava de fome ou de cansaço.

Mary Ann, ignorando completamente os devaneios de sua governanta, seguiu até as escadas, mas desviou-se o suficiente

para passar por um aparador, onde havia diversas pequenas pinturas. Ignorou a expressão taciturna do marido e virou a cara para a própria imagem, que odiava. Passara dias com o pintor, que tomara liberdades artísticas. Seu rosto estava ovalado demais, seu nariz, fino demais e seus cabelos, brilhantes demais. Aquela jovem da pintura era linda, mas não era ela. Com um movimento lento, passou os dedos em uma moldura prateada que envolvia a figura de uma menina que não deveria ter mais do que dez anos, na época em que a pintura fora feita. Era a sua sobrinha, Vésper, a criatura que ela mais adorava neste mundo inteiro.

Ela apertou os lábios. Com um olhar de despedida, seguiu para o quarto. Os lençóis, como a governanta pensara, foram rapidamente ocupados.

Não com lágrimas, mas, sim, com duas malas.



Após descer sorrateiramente pela escada dos empregados e usar a charrete para chegar à estação central de Brighton, Mary Ann pegou o comboio das 16:15 para Londres. Resistiu o quanto pôde aos gritos dos garotos que vendiam jornais, mas acabou cedendo aos pedidos de um menino de calças curtas e nariz sujo que vendia a edição vespertina do Times. Como imaginava, a notícia ocupava grande destaque na seção científica.

*Recentes achados geológicos em Sussex
abalaram a comunidade científica nos últimos*

meses. O cirurgião Gideon Mantell acaba de publicar um pequeno excerto do seu primeiro livro, onde ele registra o achado de um dente colossal, que pode ter pertencido a uma espécie desconhecida. Ele o chamou de Iguanodonte, pois a forma lembra a arcada de um iguana.

Ele o chamou de Iguanodonte?!, urrou Mary Ann para si mesma, apertando o jornal com tal violência que a senhora que a acompanhava no vagão que seguia para a Estação Vitória chegou a encolher-se em um canto.

Mary Ann precisou respirar fundo para se acalmar, fechando os olhos e retornando, mais uma vez, à última primavera, quando estivera inspecionando as escavações geológicas com o seu marido. Entre o entulho descartado, ela encontrara o dente. Gideon o ignorou, dizendo que tratava-se apenas de um dente antigo de um rinoceronte, provavelmente de algum animal de circo que morrera nas redondezas. Mary Ann duvidara desta resposta simplificada e passou a pesquisar o assunto na biblioteca, comparando o dente fossilizado com todos os mamíferos de grande porte, além de diversos *selachimorpha*, mas o dente não pertencia a nenhuma espécie de tubarão, elefante, rinoceronte ou qualquer animal que encontrara em suas pesquisas.

Ela trouxe o resultado de suas incansáveis visitas à biblioteca para o marido que, incapaz de ignorar os fatos, apresentou o achado para cientistas amigos. Por fim, todos concordaram que a

espécie era completamente desconhecida e, sem dúvida, pertencia à classe dos *lagartos terríveis* que pareciam estar brotando em todos os cantos do planeta. Nesse meio tempo, Mary Ann já comparara o dente com centenas de ilustrações até descobrir que o dente do iguana, entre os animais modernos, era o que mais se aproximava da colossal criatura que ela havia descoberto.

— Nós poderíamos batizá-lo de iguana-saurus — Gideon dissera durante um café da manhã em sua tenda, nos dias finais da expedição.

— Ridículo — rebatera Mary Ann de bate pronto, emendando logo em seguida, pois vira a expressão do marido. — Iguana-lagarto é o que os iguanas modernos já são. Não seria apropriado. Talvez podemos chamá-lo, por enquanto, de Iguanodonte, uma contração de Iguana com *Odon*; dente em grego.

— Eu conheço o grego, minha senhora — disse ele, frio, largando o lenço em cima da mesa.

— É claro, meu marido.

— Então, iguanodonte, de fato — disse o Dr. Mantell, encarando a xícara de café. — Muito bem. Terminarei o excerto sobre a nossa descoberta e enviarei para o Times. O livro deve sair em três meses.

— Excelente — respondera Mary Ann, na época.

Será que, naquele momento, ele já pensava em traí-la?, pensou Mary Ann, enquanto o trem chacoalhava pela linha que a levava cada vez mais para longe do marido e do lar. Será que ele já

havia escrito o texto daquela forma, eliminando-a completamente da primazia pela descoberta? O que fizera Gideon, de fato? Apenas batera as teclas na máquina datilográfica! O achado era dela, ela o reconhecera, ela o batizara!

Que Gideon fosse para o inferno com o dente de lagarto, iguana ou o diabo que fosse! Aquela fora a gota d'água! Não que seu casamento tivesse sido um fracasso absoluto. Gideon sempre fora bondoso e, dentro das possibilidades da sociedade inglesa naquele fim de século, bastante progressista. Mas era orgulhoso. Sob quaisquer aspectos, ele deixava transparecer para todos que *tudo* que acontecia na sua casa era sua única responsabilidade. Se o jantar fora bem sucedido, fora porque ele decidira o cardápio, mesmo que não soubesse a diferença entre um lombo e uma costela. Se os negócios estavam indo bem, fora porque ele escolhera os investimentos corretos, mesmo que se atrapalhasse para fazer as contas do consultório. Se os empregados eram corteses e bem treinados, fora porque ele os escolhera a dedo, mesmo que não soubesse o nome da metade deles. Para qualquer um que visitasse aquela casa, Mary Ann poderia ter sido substituída por uma governanta ou, pior, uma escrava, que daria no mesmo.

E a falta de filhos só piorara as coisas nos últimos anos.

Nunca mais, pensou ela, apertando a bolsa e sentindo o seu peso dourado, graças à inteligência de sua mãe.

Por anos, após a morte do pai, a sua mãe conservara parte do dinheiro da pensão do marido morto para a filha. Quando ela se casou, ela lhe dera um conselho estranho.

— Prometa que nunca entregará este dinheiro para o seu marido. Ele é um homem bom, mas é um homem. Este dinheiro é seu. Use quando for necessário.

Na época, apaixonada e prestes a se casar, ela achara o conselho uma grande bobagem.

— Obrigada, minha mãe, mas acho que não precisa se preocupar. Gideon é muito bom para mim e sua carreira está decolando. Nada me faltará.

— Não tenho dúvidas — dissera ela, fechando ainda mais os olhos pequeninos. — Mas este dinheiro não é para o lar ou para a casa. É para você. Use-o com sabedoria.

Ela guardara as libras de ouro em sua casa, conforme fora instruído pela mãe e praticamente esquecera o assunto. Mas, agora, entendia a lógica da sua falecida mãe. O dinheiro não era para a sua família. Era para *ela*. E, naqueles tempos, o dinheiro era a única diferença entre uma mulher livre e uma aberração social.

E, agora, ela decidira que seria livre.

